



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization



UNESCO Chair
Forum University
and Heritage



UNIVERSITAT
POLITÈCNICA
DE VALÈNCIA



Heritage Research

Name: Alexandre
Surname: SOUSA GUEDES
Nationality: Portugal
Language: Portuguese
Title: O domínio cultural no turismo organizado – O caso português: da polarização territorial à valorização endógena e local / El aspecto cultural en el turismo organizado - El caso portugués: de la polarización territorial a la valorización endógena y local
Type: Ph.D.
Supervisor: Prof. Luis Serrano-Piedecabras. Facultad de Geografía e Historia, Universidad de Salamanca (España)
Prof. Isabel Martín Jiménez. Facultad de Geografía e Historia, Universidad de Salamanca (España)
Institution: Universidad de Salamanca (Spain)
Date of submission: 15/09/2014
Thematic Structure : *Tourism : Cultural Tourism & Ecotourism*

Available at: <http://gedos.usal.es/jspui/handle/10366/125214>

Abstract

O trajeto da presente investigação ateu-se a um conjunto de reflexões que evidenciam uma matriz de desenvolvimento turística em Portugal marcadamente assimétrica, patenteada na elevada concentração territorial do fenómeno, bem como a concretização e alavancagem do turismo a partir de um número restrito de mercados emissores. Esta tendência reporta um fenómeno de concentração a montante, que exprime uma relação de centro-periferia, remetendo para um arquétipo de desenvolvimento turístico que radica num conceito de enclave (Britton, 1982, apud Sharpley e Telfer, 2002, p. 124) que emana de um processo de externalização de práticas de consumo vigentes em países desenvolvidos, repercutindo um movimento que é impulsionado de fora para dentro e que tem vindo a desencadear práticas de consumo em massa. As reflexões produzidas no âmbito internacional, que antecedem a análise nacional, revelam justamente um trajeto que se alinha com a matriz que em Portugal se consolida e que está associada a mecanismos de desenvolvimento radicados em paradigmas de concentração que impactam de forma assimétrica nos destinos. A análise da sua evolução expôs os riscos de desenvolvimento de modelos indiferenciados e massificados exemplificados no caso português a partir do Algarve, num cenário turístico mundial que tende a franquear novas geografias recetoras que concorrem com esses modelos. A investigação prossegue para uma análise e exegese sobre a evolução da narrativa política e governativa desde a segunda fase de governação do regime do Estado Novo até à atualidade que expôs uma associação que se tornou circular entre as necessidades históricas de financiamento da despesa pública e uma orientação unívoca para o desenvolvimento turístico em torno de uma fração do nosso território inscrito na bacia alargada do mediterrâneo (o Algarve) que revela uma elevada capacidade de captação de divisas. Esta dificuldade favoreceu a insistência num arquétipo suportado em práticas de desenvolvimento assimétricas e radicadas numa ideologia de dependência estrutural assente em modelos de consumo de massas. É neste caldo de desequilíbrios que se desenvolve uma narrativa a partir dos Governos provisórios e durante praticamente todos os Governos Constitucionais até à atualidade, de valorização da base endógena em associação com o fenómeno turístico. Franqueia-se um caminho de defesa da criação de oportunidades a partir de um reduto endógeno, para tornar o país menos dependente de um paradigma externo e desvalorizador da sua singularidade, em linha com um novo quadro ideológico das sociedades contemporâneas que têm vindo a afirmar modelos de consumo de acentuado simbolismo por oposição ao materialismo ancorado, entre outros, num corredor de práticas turísticas identificadas pelo epíteto “turismo cultural”. É neste quadro que se recupera a importância do binómio turismo-cultura que pressupõe uma cirurgia complexa dos territórios que implica uma metamorfose profunda do objeto patrimonial e da malha endógena em valor económico, processo de “engenharia cultural” (Choay, 1999) intrincado que encontra em Portugal, sobretudo em zonas de baixa densidade, um substrato demográfico e social em falência e em muitos casos incapaz de alavancar estas medidas de transformação. Nesse sentido, entendemos que é possível encontrar nos operadores turísticos que programam circuitos e estadias que concentram a sua valia no património, fontes de “irrigação turística” (Cluzeau, 1998) que importa aprofundar e testar. É justamente esse o móbil da nossa investigação empírica que percorre e pormenoriza o modelo ideológico que preside à construção de programas de férias para Portugal a partir dos seis mercados mais relevantes que revelam uma rede neuronal hierarquizada e polarizada em torno de Lisboa mas apresentando um nível de imersão territorial penetrante que induz oportunidades de reposicionamento do destino Portugal e, cumulativamente, fórmulas de reanimação de cinturas e tecidos sociais e económicos, alguns em estado intermitente. Revelam os exemplos citados, se ampliados através do impulso institucional e político, poder operar alterações estruturais em cinturas periféricas e no turismo nacional sem esvaziar ou provocar uma alteração e rutura nos modelos vigentes, que exercem ainda um papel estruturante nos polos de incidência de cenários de massificação. Importa entender que o desenvolvimento turístico está vinculado a uma rede neuronal que está hierarquizada por razões que se relacionam com os mecanismos e fórmulas de identificação do destino a partir de um conjunto restrito de marcadores, bem como de circunstancialismos logísticos também responsáveis por influenciar os modelos de programação.

El camino de reflexión y investigación analítica que nos proponemos deriva del paradigma predominante del desarrollo del turismo en Portugal, que ha convivido con una duda recurrente sobre su sostenibilidad, teniendo en cuenta un cierto antagonismo sobre la importancia económica de este fenómeno a nivel nacional y cómo ha impactado territorialmente de forma asimétrica. Este modelo es una especie de cuadratura del círculo que se refiere al problema clásico de la geometría griega, a una ecuación insoluble de desarrollo teniendo en cuenta el alto grado de intensidad y concentración del fenómeno turístico restringido y limitado en determinadas áreas regionales del país.

Table of contents

CAPÍTULO I – DEFINIÇÃO DA PROBLEMÁTICA E SUA JUSTIFICAÇÃO

- I.1. Definição da problemática
- I.2. Hipótese e objetivos
- I.3. Metodologia: notas prévias
- I.4. Referencias territoriais
- I.5. Estrutura geral da tese

CAPÍTULO II – REFLEXÕES DE ÂMBITO TEÓRICO E CONCEPTUAL

- II.1. Considerações genéricas sobre o turismo e respetiva relevância económica no mundo
 - II.1.1. O QUADRO IDEOLÓGICO INTERNACIONAL
 - II.1.2. CONCENTRAÇÃO DO FENÓMENO TURÍSTICO NO MUNDO DE CONTORNOS OLIGÁRQUICOS: ALGUNS RESULTADOS
 - II.1.3. OS EFEITOS DA CONCENTRAÇÃO DO FENÓMENO TURÍSTICO E A SUA RELAÇÃO COM O PACOTE DE FÉRIAS
 - II.1.4. DINÂMICAS MAIS COMPLEXAS DO TURISMO INTERNACIONAL COMO OPORTUNIDADES OU AMEAÇAS PARA PORTUGAL
- II.2. O fenómeno de polarização turística em Portugal com origem numa condição semi-periférica
 - II.2.1. A PROCURA
 - II.2.1.1. Afirmação dos níveis de concentração dos indicadores da procura em torno do Algarve
 - II.2.1.2. Sazonalidade ou apenas concentração da procura em Portugal?
 - II.2.1.2.1. O fenómeno da sazonalidade
 - II.2.1.2.2. Análise da sazonalidade a partir de representações gráficas das séries temporais da procura turística em Portugal
 - II.2.1.2.3. Análise da sazonalidade calculando o coeficiente de Gini
 - II.2.1.3. Síntese
 - II.2.2. A OFERTA
 - II.2.2.1. A evolução dos estabelecimentos hoteleiros como testemunho de um cenário turístico no Algarve de contornos fordistas
 - II.2.2.2. A relação entre a oferta e a procura
 - II.2.3. A DOMINÂNCIA DAS “VIAGENS E TURISMO” NO SETOR EXPORTADOR NACIONAL COMO INDICADOR DE UMA ECONOMIA SEMI-PERIFÉRICA
 - II.3. O quadro político recente e o turismo
 - II.3.1. O REGIME DO ESTADO NOVO E A ECLOSÃO DA GUERRA COLONIAL: 1961 – 1974
 - II.3.2. A MUDANÇA REVOLUCIONÁRIA E O PERÍODO DE «NORMALIZAÇÃO» POLÍTICA, ECONÓMICA E FINANCEIRA: 1976 – 1985
 - II.3.3. A ADESÃO À COMUNIDADE ECONÓMICA EUROPEIA: 1986 – 1999
 - II.3.4. A ADESÃO AO EURO E A «FIXAÇÃO IRREVOGÁVEL» DAS TAXAS DE CÂMBIO: 1999 – 2014
 - II.3.5. SÍNTESE
 - II.4. A cultura e o turismo: uma análise relacional em domínios científicos

CAPÍTULO III – INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA: ANÁLISE DE PROGRAMAS DE FÉRIAS A PARTIR DO SEU DOMÍNIO CULTURAL

- III.1 Metodologia de análise e definição da amostra
 - III.1.1. METODOLOGIA DE ANÁLISE
 - III.1.2. DEFINIÇÃO DA AMOSTRA
 - III.1.2.1. Conteúdo da amostra
 - III.1.2.2. A amostra
 - III.2. Análise e discussão dos resultados da observação
 - III.2.1. DENSIDADES DE RECURSOS E UNIDADES CONCELHIAS POR MERCADO
 - III.2.2. IDENTIFICAÇÃO DOS RECURSOS CULTURAIS PREVALENTES NAS PROPOSTAS DE FÉRIAS POR GRUPOS TAXONÓMICOS
 - III.2.3. ANÁLISE ESTATÍSTICA E GEOGRÁFICA A PARTIR DA MORFOLOGIA PATRIMONIAL E TERRITORIAL CONVOCADA PELAS FONTES FORMAIS DA AMOSTRA
 - III.2.3.1. Análise de agrupamento hierárquico de clusters a partir das frequências relativas dos

- recursos patrimoniais e estudo comparativo das frequências relativas dos bens classificados
- III.2.3.2. Distribuição dos recursos extraídos por mercado emissor
- III.2.3.3. Análise de agrupamento hierárquico de clusters de nodos de intensidade de programação calculada a partir do número médio (corrigido) de noites por unidade concelhia
- III.2.3.4. Intensidade de programação calculada a partir do número médio (corrigido) de noites programadas por unidade concelhia e mercado emissor
- III.2.3.5. A dimensão patrimonial e o grau de intensidade de programação medido a partir do número médio (corrigido) de noites por unidade concelhia
- III.2.4. IDENTIFICAÇÃO DE PADRÕES ESPACIAIS RECORRENTES E PREDOMINANTES NAS PROPOSTAS DE FÉRIAS
- III.2.5. ANÁLISE DO MODELO SEMÂNTICO NOS SEIS MERCADOS
- III.2.5.1. O mercado alemão
- III.2.5.2. O mercado britânico
- III.2.5.3. O mercado francês
- III.2.5.4. O mercado espanhol
- III.2.5.5. O mercado italiano
- III.2.5.6. O mercado holandês
- III.2.5.7. Síntese final

CAPÍTULO IV – CONCLUSÕES FINAIS

- IV.1. Conclusões
- IV.2. Limitações do estudo e sugestões.